

\_\_\_\_MANUELA VASCONCELOS\_\_\_\_

**ENCARNAÇÃO/  
DESENCARNAÇÃO :  
MORTE NATURAL,  
PROVOCADA, VIOLENTA.  
SUICÍDIO E EUTANÁSIA.**

# ENCARNAÇÃO E DESENCARNAÇÃO

## **Lei de Causa e Efeito – Livre Arbítrio – Morte natural e Violenta – Eutanásia.**

Ao tomarmos conhecimento com a Doutrina dos Espíritos, aprendemos que todos nós estamos subordinados às Leis de Causa e Efeito e da Reencarnação, que nos acompanham desde o momento em que Deus nos criou simples e ignorantes, concedendo-nos, desde então, a liberdade de agirmos como bem entendamos mas tendo de responder, sempre, pelo mau uso do livre arbítrio.

Se, por um lado, ficamos a saber que Ele nos criou para sermos perfeitos, por outro tomamos conhecimento de não termos um tempo limite para atingir esse mesmo estatuto. Entretanto, porque “*tudo tem de ser*

*pago até ao último ceitel*”(Mts.V: 25-26), sabemos que o que fizemos de errado ou prejudicando o nosso próximo, mais tarde ou mais cedo teremos sempre de reparar – seja vivendo situações idênticas às que criámos para outrem, seja ‘pagando’ com a doença ou o sofrimento a conquista do equilíbrio perdido quando agimos em nosso próprio prejuízo ou do nosso próximo. Então, cada encarnação que o Senhor nos concede significa sempre tempo de aprendizado e reparação – aprendizado relacionado com as circunstâncias e provações que nos surjam no caminho, reparação quando, através do determinismo com que reencarnamos vamos ‘apagando’ do nosso Livro da Vida, quando vividos sem revolta, alguns dos erros anteriormente cometidos.

Tendo a eternidade à nossa frente para a conquista da Perfeição para que fomos criados – perfeição essa de espíritos puros, porque perfeito mesmo só o Pai - se, por um lado, não temos tempo-limite para a conquistarmos por outro lado não podemos nem devemos esquecer que, quanto mais tempo demormos no nosso trajecto, mais

tempo demoramos, igualmente, a libertar-nos do sofrimento. Assim, a palavra “eternidade” não deve servir-nos de desculpa ou de chavão para justificarmos a nossa ânsia de vivermos sem conta, peso e medida as tentações que nos surjam no caminho e que, muitas das vezes – sempre – só servem para nos prejudicarem. Elas são as ‘armadilhas’ a que devemos fugir se nos quisermos melhorar, libertando-nos do mal. Elas são o combate que devemos sempre querer realizar e vencer para crescermos para Deus!

### **LEI DE CAUSA E EFEITO, REENCARNAÇÃO LIVRE ARBÍTRIO:**

É assim que vamos usando a liberdade que Deus nos concedeu ao criar-nos; é assim que, melhor ou pior, vamos pondo em prática o nosso livre arbítrio – pelo qual temos de responder quando o usamos sem a responsabilidade devida. Do seu mau uso, e dentro da Lei de Causa e Efeito, é assim que vamos criando as situações que se nos deparam em situações e vivências

posteriores, conseqüência das atitudes erradas anteriormente cometidas.

Somos todos Espíritos milenares e ninguém poderá afirmar taxativamente e sem engano de qualquer espécie, as reencarnações que já nos foram concedidas, as que perdemos face a um comportamento menos são em que pouco ou nada aproveitamos e as que, realmente, usamos até ao limite, num aproveitamento total – o que acreditamos ser impossível, na imperfeição que ainda nos acompanha! Igualmente, ignoramos as vezes em que caímos no crime e aquelas outras em que nos tornamos escravos do vício, alguns deles transportando-os ainda conosco, pensando, talvez, na nossa ignorância do que seja a perfeição, que fazem parte da nossa maneira de ser!

*“O Reino de Deus não é pertença da Terra, mas deve ser criado por nós, nos nossos próprios corações!”* O problema é que não o conseguimos erguer em nós porque estamos demasiado acomodados a todas as vibrações-sentimentos negativos

que, infelizmente, quase nos escravizam. Quando alguém, mais atento, chama para eles a nossa atenção, negamos e negamos, afirmando teimosamente que são complemento da nossa personalidade!

Egoisticamente, de cada vez que nos preparamos para uma nova reencarnação, felizes por a irmos viver numa oportunidade nova que o Senhor nos concede para a nossa melhoria espiritual, nem sequer pensamos naqueles bilhões de outros Espíritos que aguardam, igualmente, a oportunidade de voltarem à Terra... enquanto, muitas das vezes, perdemos a que Deus nos concedeu por querermos, apenas, vivermos na satisfação do imediato e da satisfação do nosso ego!

Não importa, para nenhum de nós, pensar que A, B ou C talvez estivessem mais necessitados que nós, face até à despreocupação com que vamos vivendo o dia a dia; não importa falar das vezes que caímos e continuamos a cair, sem um esforço mínimo para nos melhorarmos! Não importa sermos ou não filhos reconhecidos

daquele Pai que está sempre pronto a estender-nos as suas mãos, a evitar-nos mais uma queda ou uma queda maior... Não importa, porque dentro da nossa maneira de ser egoísta, continuamos sempre a pensar que merecemos mais e melhor que os outros! E nunca nos perguntamos o que fizemos ou fazemos para chegarmos a tal conclusão?

Mesmo assim, volta que não volta, ainda reclamamos de Deus e O culpamos das nossas dores e sofrimentos, enquanto O vamos acusando de ser Pai para uns e padrasto para outros!

Há dois mil e poucos anos atrás, Jesus já afirmava: *“O Pai ama-nos de tal maneira que faz que o sol nasça sobre bons e maus e que a chuva caia sobre justos e injustos!”* (Mts., V: 20, 43 a 47).

Depois da |Lei de Deus, *“inscrita na nossa consciência”*(L. E. - Qst. 621) , os ensinamentos do Divino Amigo têm-nos acompanhado no Tempo embora só mesmo através da dor conseguimos acordar e melhorar-nos... mas quando uma doença

maior nos atira para um leito de sofrimento, onde através da doença o nosso organismo se vai depurando das vibrações negativas que fomos criando e nos vão aniquilando como se veneno se tratasse, ainda aí, despreparados para vivermos a dor, reclamamos! Chamamos pelo médico, consultamos uns e outros, queremos um enfermeiro ao nosso lado, de plantão, como se ele nada mais tivesse que fazer...enquanto esquecemos o mais importante: a oração, que nos põe em contacto com o Alto, abrindo-nos sempre “a porta” para o auxílio de que necessitamos.

*“O Pai sabe tanto de cada um de nós, que sabe dos cabelos que nos caem da cabeça!”*(Lcs., XIII : 24). Mas nós, não! Embora nos pareça quase impossível, pouco ou nada nos conhecemos; ignoramos as nossas capacidades para a dor e aquelas outras, relacionadas com a humildade de que muito poucas vezes damos provas! Somos como somos! Queremo-nos assim, pensamo-nos bem, e exigimos ser aceites pelo nosso próximo da maneira que não o aceitamos a ele – porque a sua maneira de ser nos



incomoda, porque vemos nele os defeitos, vícios e/ou imperfeições que, não só não queremos reconhecer em nós como não queremos que nos sejam apontadas por terceiros!

Que fazemos, então, com a reencarnação? Segundo a nossa maneira de ser, o que aproveitamos com ela?

Se, realmente, pensássemos aproveitá-la na sua totalidade, no aprendizado e conhecimento, no depuramento dos erros, na melhoria do nosso EU, na manifestação e vivência do amor pelo próximo, não seríamos, como somos, Espíritos milenares, necessitados, ainda, de reencarnarmos! Não, na situação em que nos encontramos; não, continuando a ser como somos!

O problema maior que se nos põe, é que não nos reconhecemos imperfeitos: a nossa vaidade e orgulho colocam-nos no altar no qual nos auto-idolotramos, como se deuses fossemos... e se alguma observação nos fazem, respondemos recordando as palavras do Divino Amigo quando afirmou que “*Vós*

*sois deuses!*” A questão está sempre em só vermos o argueiro no olho do visinho, e não reconhecemos os passos que nos faltam dar ainda, até conquistarmos a possibilidade que Jesus nos apontou, a menos que queiramos, todos nós, de sermos apenas “deuses de pés de barro”!

As oportunidades que o Senhor nos dá, em cada reencarnação nova que nos concede, são para a nossa melhoria espiritual, para a reparação do que tivermos feito de errado, para o aprendizado que se nos faz necessário para podermos evoluir! Se a sentirmos, uma a uma, apenas como uma concessão divina, ganha pelo nosso mérito – que não possuímos - e não pela necessidade do nosso aprimoramento, continuaremos a errar e a cair, vendo passar à nossa frente aqueles que já ombreamos conosco mas que se empenharam, com um esforço maior, em se tornarem melhores, combatendo – quando não, vencendo – os sentimentos ou parte da sua amálgama, que nos acompanham ao longo dos tempos, nos escravizam e prejudicam!

Sentimos inveja das posses que o nosso próximo alardeia possuir; queremos para nós o mesmo – senão mais – dos bens materiais que outros possuem; lamentamos não ter uma inteligência maior ainda que a do visinho do lado, seja ele um morador de uma casa próxima à nossa ou um companheiro de estudos ou de trabalho; queremos, porque queremos, ter o mesmo ou ainda mais que todos aqueles com os quais convivemos... mas somos incapazes de nos lembrarmos do pobre que, em pleno inverno, não tem um agasalho mais forte a protegê-lo do frio; daquele outro que, chegada a hora de uma qualquer refeição, não tem sequer uma côdea de pão para enganar a fome – a sua e a dos seus -; daquele que se arrasta até uma qualquer distribuição pública de um prato de sopa... daquele que, vencido pela febre e pelas dores, não consegue uns poucos trocos para aquisição da medicação que se lhe faz necessária! Se sofre – afirmamos muitas vezes – é porque Deus quer; e se Ele quer, é porque o entende necessário! E com um encolher de ombros egoisticamente despreocupado, seguimos em frente, talvez, até, fazendo tilintar as moedas que se nos

alojam nos bolsos, enquanto deixamos, vazia, a mão que se estende à nossa passagem!

Neste ínterim, esquecemos o aprendizado que encontramos em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. V, nº 27, quando o Espírito Bernardim esclarece a propósito, precisamente, do sofrimento de todos aqueles que cruzam o nosso caminho:

*“(...) Sim, vossas provas devem seguir o curso que Deus lhes traçou, mas acaso conheceis esse curso? Sabeis até que ponto elas devem ir, e se vosso Pai Misericordioso não disse do sofrimento deste ou daquele vosso irmão: ‘Não irás além disto’? Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício, para agravar o sofrimento do culpado, mas como bálsamo consolador, que deve cicatrizar as chagas abertas pela sua justiça?(...)”*

\*

E o tempo corre, e chega, assim, o momento da morte...

## **A MORTE: NATURAL, PROVOCADA, VIOLENTA.**

Depois de um período mais ou menos longo, no estágio carnal, a alma liberta-se do corpo e volta ao mundo dos Espíritos – nossa verdadeira pátria – através da lei natural da morte, identificada por alguns como a *porta de passagem da vida terrena para a espiritual*.

Se a morte for natural, ela acontece sem sofrimento maior que o provocado pela forma do desencarne – normalmente uma doença que vai deteriorando o corpo físico, desgastando-o mais e mais até àquele momento em que os olhos se cerram para a vida corporal.

O cordão fluídico, que liga o Espírito ao corpo perispiritual e este ao corpo carnal, vai acompanhando a debilidade orgânica e desprende-se totalmente da matéria quando a morte acontece, seja no mesmo momento, seja num período que poderá durar algumas horas, mantendo, entretanto, a ligação entre o corpo fluídico e o Espírito.

Isto mesmo lemos na Questão nº 257 de “O Livro dos Espíritos”, quando através dele, os Espíritos informam:

*“A experiência nos ensina que no momento da morte o perispírito se liberta mais ou menos lentamente do corpo. Durante os primeiros instantes, o Espírito não entende sua situação: não se vê morto porque se sente vivo; vê o próprio corpo de um lado, sabe que é seu, mas não entende porque está separado dele...”*

Quando a morte é violenta, seja provocada por acidente, por suicídio directo ou indirecto ou pela eutanásia – que podemos considerar, igualmente, uma outra espécie de suicídio – ele sofre a violência do desencarne tal como um cordão que é rasgado forçado e sem medida, transmitindo ao perispírito – corpo fluídico – essa mesma violência, que provoca o desequilíbrio do Espírito e demorará um tempo mais ou menos longo a readquirir o equilíbrio, sendo por vezes, necessária mais do que uma reencarnação para que tal aconteça!

O que provoca, afinal, a violência do desencarne, será o medo do sofrimento, das provações que não se querem enfrentar, ou, ainda, da dor de uma doença mais ou menos longa.

A propósito da dor, lemos algures que “a dor não se mata!” Assim sendo, qualquer atitude que tomemos para dela nos libertarmos, apenas faz com que a ‘transplantemos’ para onde formos! E, em qualquer destes casos, temendo-se a morte, provoca-se essa mesma morte!

Allan Kardec, no capítulo II do livro **CÉU E INFERNO**, comenta:

*“ 1 - (...) A maior parte dos que crêem na imortalidade da alma, se nos apresentam possuídos de grande amor às coisas terrenas e temerosos da morte. Porquê?*

*“2 - (...) Ele” (o temor da morte) “é necessário enquanto não se está suficientemente esclarecido acerca das condições da vida futura, como contrapeso à tendência que, sem esse freio, nos levaria a deixar prematuramente a vida e a*

*negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao nosso próprio adiantamento.*

*“4 – Para libertar-se do temor da morte é mister poder encará-la no seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado pelo pensamento no mundo espiritual, fazendo dele uma idéia tão exacta quanto possível, o que denota da parte do Espírito encarnado um tal ou qual desenvolvimento e aptidão para desprender-se da matéria.*

*“No Espírito atrasado a vida material prevalece sobre a espiritual. Apegando-se às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, esteja embora na alma a vida real; aniquilado aquele, tudo se lhe afigura perdido, desesperador.*

*“Se ao contrário concentrarmos o pensamento não no corpo, mas na alma, fonte da vida, ser real a tudo sobrevivente, lastimaremos menos a perda do corpo, antes fonte de misérias e dores. Para isso, porém, necessita o Espírito de uma força só adquirível pela maturidade.*

*“O temor da morte decorre portanto da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio da destruição total; igualmente o*



*estimula secreto anseio pela sobrevivência da alma, velado ainda pela incerteza.*

*“Esse temor decresce à proporção que a certeza aumenta e desaparece quando esta é completa.*

*“Eis aí o lado providencial da questão. Ao homem não suficientemente esclarecido, cuja razão mal pudesse suportar a perspectiva muito positiva e sedutora de um futuro melhor, prudente seria não o deslumbrar com essa idéia, desde que por ela pudesse negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual.”*

Neste “temor da morte” que Kardec refere, encontra-se, sempre, a morte natural – aquela que acontece sem que ninguém a procure; a outra, a “forçada”, que muitos consideram ***um acto de coragem***, levam a alma a conseqüências para que nunca se está preparado, pois se se foge da “vida” pelo medo do sofrimento, desperta-se, depois, num sofrimento bem maior em função do desencarne que se procurou!

No nº. 13 do capítulo V de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, o Codificador esclarece também:

*“O homem pode abrandar ou aumentar o amargor das suas provas, pela maneira como encarar a vida terrena. Maior é o sofrimento, quando o considera mais longo. Ora, aquele que se coloca no ponto de vista da vida espiritual, abrange na sua visão a vida corpórea, como um ponto no infinito, compreendendo a sua brevidade, sabendo que esse momento penoso passa bem depressa. A certeza de um futuro próximo, e mais feliz, o sustenta e encoraja, se em vez de lamentar-se, ele agradece ao céu as dores que o fazem avançar. Para aquele que, ao contrário, só vê a vida corpórea, esta parece interminável, e a dor pesa sobre ele com todo o seu peso. O resultado da maneira espiritual de encarar a vida é a diminuição de importância das coisas mundanas, a moderação dos desejos humanos, fazendo o homem contentar-se com a sua posição, sem invejar a dos outros, e sentir menos os seus revezes e decepções. Ele adquire, assim,*

*uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo como à da alma, enquanto com a inveja, o ciúme e a ambição, entrega-se voluntariamente à tortura, aumentando as misérias e as angústias de sua curta existência.”*

E continuando, no n.º. 14 do mesmo capítulo, Allan Kardec esclarece ainda:

*“A calma e a resignação adquiridas na maneira de encarar a vida terrena, e a fé no futuro, dão ao Espírito uma serenidade que é o melhor preservativo da loucura e do suicídio. Com efeito, a maior parte dos casos de loucura são provados pelas vicissitudes que o homem tem forças de suportar. Se, portanto, graças à maneira por que o Espiritismo o faz encarar as coisas mundanas, ele recebe com indiferença e até mesmo com alegria, os revezes e as decepções que em outras circunstâncias o levariam ao desespero, é evidente que essa força, que o eleva acima dos acontecimentos, preserva a sua razão dos abalos que o poderiam perturbar.*

*“O mesmo se dá com o suicídio. Se exceptuarmos os que se verificam por força da embriaguez e da loucura, e que podemos chamar de inconscientes, é certo que, sejam quais forem os motivos particulares, a causa geral é sempre o descontentamento. Ora, aquele que está certo de ser infeliz apenas um dia, e de se encontrar melhor nos dias seguintes, facilmente adquire paciência. Ele só se desespera de não ver um termo para os seus sofrimentos. E o que é a vida humana, em relação à eternidade, senão bem menos que um dia? Mas aquele que não crê na eternidade, que pensa que tudo acaba com a vida, que se deixa abater pelo desgosto e o infortúnio, só vê na morte o fim dos seus pesares. Nada esperando, acho muito natural, muito lógico mesmo, abreviar as suas misérias pelo suicídio.*

*“A incredulidade, a simples dúvida quanto ao futuro, as idéias materialistas, em uma palavra, são os maiores incentivadores do suicídio; elas produzem a frouxidão moral. Quando vemos, pois, homens de ciência, que se apóiam na autoridade do seu saber, esforçarem-se para aprovar aos seus ouvintes ou aos seus leitores, que eles nada*

*têm a esperar depois da morte, não o vemos tentando convencê-los de que, se são infelizes, o melhor que podem fazer é matar-se? Que poderiam dizer para afastá-los dessa idéia? Que compensação poderão oferecer-lhes? Que esperanças poderão propor-lhes? Nada além do nada! De onde é forçoso concluir que, se o nada é o único remédio heróico, a única perspectiva possível, mais vale atirar-se logo a ele, do que deixar para mais tarde, aumentando assim o sofrimento.*

*“A propagação das ideias materialistas é, portanto, o veneno que inocula em muitos a idéia do suicídio, e os que se fazem seus apóstolos assumem terrível responsabilidade. (...)”*

E mais à frente, no nº. 28 do mesmo capítulo de O Evangelho S/O Espiritismo, lemos ainda:

*“(...) Bem sei que há casos que se podem considerar, com razão, como desesperados. Mas se não há nenhuma esperança possível de um retorno definitivo à vida e à saúde, não há também inúmeros exemplos de que,*

*no momento do último suspiro, o doente se reanima e recobra suas faculdades por alguns instantes? Pois bem: essa hora de graça que lhe é concedida, pode ser para ele de maior importância, pois ignorais as reflexões que o seu Espírito poderia ter feito nas convulsões da agonia, e quantos tormentos podem ser poupados por um súbito clarão de arrependimento.”*

E o Espírito Luís conclui, assim, o seu esclarecimento:

*“O materialista, que só vê o corpo, não considerando a existência da alma, não pode entender essas coisas. Mas o espírita, que sabe o que se passa no além túmulo, conhece o valor do último pensamento. Aliviai os últimos sofrimentos o mais que puderdes, mas resguardai-vos de abreviar a vida, mesmo que seja um minuto apenas, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro.”*

E chegamos, assim, à **eutanásia**, ou morte provocada, que os antigos chamaram de *morte doce* e nossos contemporâneos

chamam de *morte digna*, por quanto ela significa partir sem sofrimento, mas antes aparentando uma calma que em nada significará a que irão viver do outro lado da vida!

O estado de coma significa muitas vezes, para o doente, a preparação para o desencarne – principalmente quando o Espírito precisa “aprender um pouco mais da vida que continua”; outras vezes, porque está muito ligado à matéria, ela vai servindo para um desprendimento mais suave, no qual o mesmo Espírito vai compreendendo a necessidade que tem de deixar a vida terrena, sem a ela se continuar a sentir ligado por liames que apenas o prejudicam; mediante o comparecimento de Espíritos amigos que se fazem presentes para o esclarecimento necessário, ele vai não só revendo os que ama e pensou não mais voltar a encontrar, como essas mesmas presenças lhe gritam que tudo tem continuidade e a morte não é o fim mas a continuação!

Recordadas, ainda, as possibilidades contínuas que Deus coloca a cada um,

mediante o mérito adquirido, dentro desse mesmo tempo comatoso poderá surgir uma idéia nova, uma experiência através de um qualquer medicamento, que faça o doente libertar-se do coma e voltar a uma estado de lucidez que poderá prolongar-se por um tempo indeterminado, saudável e retomando todas ou quase todas as suas funções.

Só Deus sabe o tempo existencial de cada um – das moratórias que cada um merece ou do tempo que lhe deverá ser retirado, mediante o comportamento reencarnatório vivido até àquele instante.

Então, por maior que seja o sofrimento, pensemos no Senhor como a Vontade soberana sobre o nosso tempo existencial e saibamos aceitar a dor e o sofrimento como experiências que servirão para o nosso aperfeiçoamento – não para um período ‘condenatório’ de que procuremos fugir para encontrarmos mais sofrimento ainda!

Abel Glaser, escritor espírita brasileiro, no intróito da sua obra sobre este mesmo tema, escreve:



*“(...) Esteja o enfermo em estado de coma ou não, com ou sem morte cerebral, a situação espiritual é a mesma: o Espírito ainda se encontra ligado ao corpo terreno pelos laços fluídicos que unem o perispírito ao invólucro material.*

*“Nessas condições, muito podem os benfeitores espirituais auxiliar o doente em estado terminal, preparando-o para o retorno à pátria espiritual sem traumas e prevenindo, muitas vezes, estágios dolorosos em regiões umbralinas, resultantes de uma sintonia psico-emocional inadequada.*

*“O despreparo espiritual do enfermo pode ser minimizado com a ajuda dos amigos espirituais do bem, inclusive por atendimentos directos (com a incorporação) ou indirectos (sem ela) em reuniões mediúnicas sérias.*

*“Por isso, cada minuto é de suma importância para o enfermo em estado terminal, não devendo, jamais, ser aplicada a eutanásia, **sob nenhuma forma ou pretexto.**” (O sublinhado é nosso).*

*“Além disso, quem, em sã consciência, pode afirmar que o momento do desencarne*

*chegou? Quantos desenganados pelos recursos actuais da medicina acadêmica não retornaram à lucidez e até mesmo à saúde plena? Quantos não são os chamados 'fenómenos de quase morte' catalogados?*

*“É importante, pois, ser respeitada a Vontade do Criador, em relação a que não se abrevie, nem por um instante, a vida corpórea de quem quer que seja, sob quaisquer circunstâncias!”*

*Nas palavras de Francisco de Assis, “Nós não morremos, irmãos! Nós nos transformamos, como a neve que, ao calor do sol, transforma-se em água. De nada valem as coisas deste mundo, se não nos conscientizarmos da nossa vida verdadeira em Espírito. Todos retornaremos à nossa origem espiritual! E qual o tesouro que levaremos? O bem que houvermos praticado; as pequenas concessões de amor que fizemos uns aos outros; a humildade; a caridade e a fé; todas as nossas virtudes, enfim, serão consideradas para a morada dos eleitos do Senhor!”*

+

Chegados, assim, ao final deste nosso trabalho, fica-nos a esperança de termos conseguido ajudar os nossos leitores nas dúvidas que pudessem ter, relacionadas com o tema... e mais que qualquer outro fim que possamos procurar para o mesmo, lembramos as palavras de José Herculano Pires que, segundo os grandes entendidos da Doutrina Espírita, “foi o metro que melhor mediu Kardec”. Ele afirmou:

*“O Espiritismo matou a morte!”*

E, realmente, assim foi, porquanto com a revelação da Doutrina dos Espíritos ficamos a saber que a morte não existe senão como porta de passagem da vida terrena para a espiritual... Ela deve, então, deixar de ser “o papão” que todos temiam, para ser, unicamente, o fim de todos nós, ao terminus de mais uma reencarnação.

Sem a procurarmos mais, levemente, pensando-nos ‘heróis’ ou ‘cobardes’ quando assim agimos, aprendamos, antes, a conhecê-la com a responsabilidade que faz de nós Espíritos que procuram construir e

conquistar a evolução que nos levará à perfeição para que o Senhor nos criou. Assim, terminamos com as palavras de alguém que disse:

*“Quando nasceste, todos riam, só tu choravas; vive de tal maneira que, quando partires, todos chorem – só tu rias!”*

**F I M**

## **BIBLIOGRAFIA :**

KARDEC, ALLAN : O Evangelho Segundo  
o Espiritismo;  
O Livro dos Espíritos;  
O Céu e o Inferno.

GLASER, ABEL : Eutanásia.

RINALDO DE SANTIS : Francisco de Assis  
e Irmã Clara, (Espírito  
Ernesto).

\*